

## O erotismo e o sagrado no livro *A história do olho* de George Bataille

Silvane Santos SOUZA<sup>1</sup>  
Eliane Bispo de Almeida SOUZA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir um dos pensamentos de George Bataille, a partir da análise da novela erótica *História do olho*, uma de suas mais marcantes obras. A *História do olho* é uma narrativa repleta de cenas em que a imagem do olho é vista como um objeto transfigurável. Nesse livro, Bataille defende o heterogêneo ao discutir temáticas como erotismo e sagrado, abordados numa visão que contrapõe o discurso de uma sociedade burguesa que prega o que é homogêneo, mostrando a partir das cenas eróticas um confronto à "normalidade" da sociedade da época, com a apresentação de situações até um certo ponto surreais, dotadas de transgressão. Assim, a discussão salienta que a obra de Bataille procura repudiar as questões tidas como naturais, essencialmente sobre o erotismo e a sexualidade, em que esta última se afirma enquanto dispêndio improdutivo, gasto excessivo e totalmente estéril, visto que o sexo não se apresenta como fonte de alívio ou saciedade e sim como uma grande angústia. Um marco que diferencia a obra é a relação entre sexualidade, sagrado e erotismo, indo além da simples aventura sexual, para a busca do "orgasmo" através do olho imagético. Para discutir essas questões, as ideias aqui apresentadas estão respaldadas nos seguintes autores: George Bataille, Roland Barthes, Wasghinton Drumonnd, Jürgen Habermas, Philippe Joron, Michel Leiris e Eliane Moraes.

**Palavras-chave:** Erotismo; Sagrado; Heterogêneo.

**Abstract:** This article aims to discuss one of George Bataille thoughts, from the analysis of the erotic novel *Story of the eye*, one of his most outstanding works. The *History of the eye* is filled with narrative scenes where the image of the eye is seen as a transfigurável object. In this book, Bataille argues heterogeneous when discussing topics such as eroticism and sacred, addressed a vision that opposes the discourse of a bourgeois society that preaches what is homogeneous, showing from the erotic scenes confrontation to "normality" of the society of the time, with the presentation of situations to a certain surreal point, endowed with transgression. Thus, the discussion points out that the work of Bataille seeks to repudiate the issues taken for granted essentially on eroticism and sexuality, as the latter is stated as unproductive expenditure, overspending and completely sterile, because sex is not presented as source of relief or satiety but as a great distress. A milestone that distinguishes the work is the relationship between sexuality, sacred and eroticism, going beyond simple sexual adventure, for the pursuit of "orgasm" through the eye imagery. To discuss these issues, the ideas presented here are backed up in the following authors: George Bataille, Barthes, Wasghinton Drumonnd, Jürgen Habermas, Philippe Joron, Michel Leiris and Eliane Moraes.

**Keywords:** Eroticism; Sacred; Heterogeneous.

---

1 Mestranda em Crítica Cultural pela UNEB – Campus II. Alagoinhas/BA. Correio eletrônico: silvanerio@hotmail.com.

2 Mestranda em Crítica Cultural pela UNEB – Campus II. Alagoinhas/BA. Correio eletrônico: elianebasouza@hotmail.com.

## Introdução

Com a escrita do livro *História do olho*, Bataille pode explorar, por meio da literatura, as suas inquietações, seus pensamentos eróticos. Para tanto, preferiu assinar com um pseudônimo, mantendo sigilo na verdadeira autoria, evitando possíveis censuras. Na verdade, a preocupação em ocultar a autoria não era apenas com eventuais acusações de ultraje à moral, mas uma forma de aceitação ou, até mesmo, superação da sua história familiar: pai doente, tentativa de suicídio da mãe e a conseqüente loucura.

Por meio da sua narrativa, Bataille busca criticar a burguesia do início do século XX com suas rotinas quotidianas e seus preconceitos, que valorizava apenas o belo e o que é homogêneo. De forma chocante, ao expressar suas obsessões, ele se opõe aos imperativos da utilidade, da normatividade, da sobriedade e da normalidade. Ele revoluciona a tradição literária e a narrativa ao retratar cenas que se aproximam do devaneio e da loucura. Esse último fator é marcante na *História do olho*. Escrito em primeira pessoa, o narrador e a personagem Simone agem de forma instintiva, fugindo dos padrões normais da racionalidade estabelecidos por uma sociedade preconceituosa.

Nessa novela erótica, Bataille traz à tona o heterogêneo tão criticado por uma sociedade que só valorizava formas padronizadas, o sagrado, o singular. "Na verdade, Bataille aplicou desde o início o seu conceito de heterogêneo aos grupos sociais, aos excluídos e aos marginalizados, ao anti-mundo..." (HABERMANS, 2000, p. 202). As personagens fictícias de Bataille representam aquelas pessoas mal vistas pela sociedade, a exemplo das prostitutas, loucos, miseráveis, boêmios ou revolucionários. Dessa forma, ele busca a transgressão frente ao capitalismo e à hipocrisia do mundo burguês.

Essa novela abarca traços do erotismo entrelaçado ao sagrado, pois nela é externado muito do pensamento humano, principalmente quando afirma não ser ele um filósofo, mas sim talvez um santo ou, quem sabe, até um louco. Muitos dos traços de sua obra são repletos de cenas de erotismo, das quais destacamos a obsessão pela busca do prazer, pois qualquer manipulação do corpo era um convite para reflexão por excitação. Esses temas também são retratadas na obra "o erotismo", em que fica evidente a relação entre erotismo e transgressão, como

também permeia a relação entre prazer, dor e o êxtase erótico faz parte “da dissolução dessas formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos” (Bataille, 2004, p. 17).

Durante as cenas eróticas, Bataille sugere o que seria prazer além do sexo: atropelamento de uma jovem, enlouquecimento de outra, tortura, sedução, atos de orgias com um padre e obsessão pelo ânus. A personagem Simone, cúmplice do narrador, retrata o erotismo em todos os seus atos, uma vez que a busca pelo prazer é interminável. Os dois jovens que vivem e navegam em seus atos obscenos à margem da censura adulta percorrem um cenário de sonhos. Simone sente prazer em situações que não envolvem o sexo explicitamente. Como exemplos, destacamos a sensação e orgasmo externos quando quebra ovos com o ânus, senta sobre um prato com leite ou é banhada pela urina e porra do seu companheiro. Com isso, o autor traz à tona o caráter obsceno da narrativa.

Assim, a obra busca ultrapassar os limites da moral, como também levantar alguns pontos da autobiografia presentes no texto, essencialmente pela libertação do sentimento de culpa que tanto acompanha a sociedade.

### **Um breve resumo da Narrativa**

A “História do Olho”, de George Bataille (1897-1962), foi publicada originalmente em 1928, tendo como pseudônimo de Lord Auch, como uma forma de não revelar sua própria identidade, principalmente para não trazer consequências ao autor, uma vez que o mesmo fizera parte de um contexto que não permitia certo tipo de expressão. Nesta narrativa é possível conjugar duas especificidades que são o erotismo e o sagrado. O título anuncia literalmente uma das características principais, pois em sua forma exata ou em suas muitas variações metafóricas, o olho representa a figura enquanto elemento organizador do seu sistema imagético, o qual é utilizado por Simone como objeto, ao mesmo tempo, de excitação e de satisfação erótica.

Inicialmente, o livro traz um enredo da trajetória de experimentos eróticos, impregnados de um tom sádico, além de ser onírica e fantasmática a história dos dois adolescentes, sendo um deles

o próprio narrador e a sua amiga Simone.

Para atrair o leitor, o percurso tem início, podemos dizer, de um modo meio inocente, tendo como cenário uma praia da França e chega ao ápice em Andaluzia, com a concretização de crimes e perversões, como ocorrera nas cenas envolvendo o padre e Sir Edmond, como também sensações de orgasmos e prazeres diante dos episódios com cenas de torturas.

O transcorrer da ação tem sempre um cunho que abarca a sexualidade, gerada a partir de uma certa perversidade, que também, de uma forma ou de outra, causa uma certa revelia quanto ao princípio da realidade, pois o erótico e o profano permeiam as ações descritas em cada cena.

Diante das orgias praticadas pelos personagens da novela História do olho, eram comuns os atos sexuais descontrolados resultarem numa situação de extrema imundície. No entanto, o que para o leitor é visto como um ambiente de repulsa, que dá nojo, para eles era uma motivação que os excitava mais e mais. No final da brincadeira de quebrar ovos com o cu, Simone e seu parceiro se excitaram a ponto de “esporrar” esperma e urina em abundância. “No momento em que a porra jorrava, as nádegas quebravam o ovo, ela gozava, e eu, mergulhando o rosto no seu cu, me inundava com aquela imundície abundante” (BATAILLE, 1928/2003, p. 29). A respeito da produção de excrementos que nosso corpo precisa expelir, Philippe Joron afirmara que “Toda produção ou secreção corporal é assim compreendida como um ato heterogêneo, como uma substância estranha à homogeneidade do corpo” (JORON, 2006, p. 16).

O cenário que testemunhava esses atos sexuais incontroláveis, considerados por eles como brincadeiras, era um lugar rodeado de sujeira, fétido, longe de ser habitado por pessoas com equilíbrio racional. O próprio narrador reconhece a situação pavorosa em que ficou o local após os atos obscenos praticados por um grupo de amigos durante uma festinha:

Eu estava pálido, manchado de sangue, vestido de qualquer jeito. Corpos sujos e despidos jaziam atrás de mim, numa desordem desvairada. Dois de nos estávamos sangrando, cortados por cacos de vidro; uma moça vomitava; nossos ataques de riso haviam sido tão violentos que alguns tinham molhado as roupas, e outros, as poltronas ou o chão; a consequência era um cheiro de sangue, de esperma, de

urina e de vomito que faria, qualquer um recuar de horror.. (BATAILLE, 1928/2003, p.32-33).

No entanto, a sujeira para eles não era algo que os repugnava. "A urina, para mim, está associada ao salitre" (BATAILLE, 1928/2003, p. 45). Pelo contrário, estimulava-os ainda mais a mergulhar no mundo dos desejos sexuais avassaladores. O cheiro que perfumava esse ambiente de orgia os deixava excitados. "Senti um líquido encantador escorrer por minhas pernas. Quando ela terminou, foi minha vez de inundá-la. Levantei-me, subi até sua cabeça e enchi seu rosto de porra. Suja, ela gozou como louca. Aspirava, feliz, nosso cheiro" (BATAILLE, 1928/2003, p. 37). Numa forma de desabafo, o narrador confessa o quanto era atraído pelo excesso:

Um deslumbramento interior me esgotava e não sei o que teria acontecido se, de repente, Simone não se tivesse movido ligeiramente; abriu as coxas, abriu-as tanto quanto podia e me disse, em voz baixa, que não conseguia mais se conter; inundou o vestido, com um estremecimento; no mesmo instante, a porra jorrou nas minhas calças (BATAILLE, 2003, p. 57).

Durante uma corrida de touros, eles sentiram um desejo incontrolável de praticar as obsessões sexuais e, para isso, encontraram, como local reservado, longe dos olhos alheios, um banheiro fétido, cheio de moscas, o qual era, na visão deles, uma caverna do amor. Com essa cena, Bataille critica os excessos na sociedade e a lógica burguesa.

### **Vida que espelha a obra ou obra que espelha a vida?**

Bataille traz muitos traços que evidenciam o erotismo performático que também se fazem presentes no contexto contemporâneo. O pai havia contraído sífilis, doença sexualmente transmissível, que o levou a uma dolorosa agonia, à cegueira, e em 1915, à morte. Desesperada pela invalidez do marido e pela prova irrefutável da sua infidelidade, a mãe tentou pôr fim a sua própria vida por diversas vezes, embora sem resultado.

Na obra *História do olho*, Bataille cria cenas permeadas "de sangue, de urina e de porra", as quais sublinham um caminho de expressão autobiográfica que dificilmente seria compreendido pelo

imaginário contemporâneo do livro, uma vez que nesta obra eram retratados os seus sonhos e fantasias e sua escrita tratava-se de um modo de domar os fantasmas do autor. Com isso, podemos considerar a produção como sendo um livro que se propõe a provocar e a subverter, uma vez que suas cenas contestam e perturbam ao mesmo tempo.

A novela é permeada de um erotismo exagerado e de uma perversão material, Bataille relata em suas cenas experiências passadas e que tanto lhe consumiam, principalmente a obsessão pelo ato de urinar atrelado ao prazer, o que expressa uma libertação do sofrimento passado por seu pai no ato de urinar. A partir do gênero baixo do obsceno, mostra que os destinos são inferiores à deperdição da carne, sobretudo quando se assume que "o erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas" (BATAILLE, 1965, p. 23).

A obra História do Olho apresenta também de forma clara a relação entre a vida do narrador e a própria realidade do autor, frente às questões familiares. Nessa novela erótica, Bataille busca apresentar uma teoria que ultrapassa o horizonte do que é possível à razão. Ele buscou retratar o inconsciente ao se opor às concepções reinantes de ordem e realidade. Por esse motivo, ele era visto pelo meio acadêmico da sua época como um pensador do impossível, por apresentar um raciocínio obsessivo, desconstrutivo e antiutilitarista. O erotismo e a transgressão estão presentes nessa obra como marcas do heterogêneo que ele viveu e, por isso, tanto defendeu.

Segundo a tradutora e crítica Eliane Robert Moraes, a redação do livro a História do olho serviu-lhe como um tratamento para a cura das contradições, dúvidas e inquietações que marcaram a vida do filósofo. Grande parte da obra contempla não apenas o pensamento do narrador/autor, mas a um ponto principal em que o não saber não destitui os saberes, isso na sua relação entre a vida e a obra.

### **Análise de algumas cenas da História do olho**

#### *O impulso sexual sem controle*

Os personagens principais da novela História do olho não têm ou não querem ter controle dos seus impulsos sexuais. Eles agem como se fossem crianças que acreditam que podem fazer o que querem, na

hora que dão vontade, em qualquer que seja o lugar onde estejam, sem pudor ou constrangimento. A personagem Simone não consegue controlar seus caprichos eróticos. Para ela, não havia obstáculos que a impedissem de suas travessuras.

O narrador do livro dessa novela erótica também se deixa levar pelos seus impulsos sexuais de forma até irracional. Diante de um episódio em que Simone e Marcela estão sozinhas no jardim da casa de campo, o jovem parece ficar sem controle durante a orgia praticada por eles três.

Um frenesi brutal agitava nossos três corpos. Duas bocas juvenis disputavam meu cu, meus colhões e meu pau, e eu não parava de abrir pernas úmidas de saliva e porra. Era como se eu quisesse escapar do abraço de um mostro, e esse monstro era a violência de meus movimentos. (BATAILLE, 1928/2003, p. 26-27).

Essa falta de controle dos seus desejos era algo surreal. Havia uma força que os movia a ponto de praticarem atos que fogem da racionalidade. Bataille discute sobre essa força em diversas situações vividas pelo narrador e sua comparsa Simone. Ele chega a compará-la com elementos da natureza. "A violência dos trovões nos assustava e aumentava a nossa fúria, arrancando-nos gritos que ficavam mais fortes a cada relâmpago, ante a visão de nossos sexos." (BATAILLE, 1928/2003, p. 27). Tratava-se de um impulso sexual de forma desenfreada. Era uma força indescritível que os impulsionava a realizar atos obscenos, sem pré-determinar a hora nem o lugar.

A reação das personagens durante as orgias praticadas era algo impensável. A personagem Simone era tomada por uma força sobrenatural que a levava a atos de loucura. A sua racionalidade lhe fugia. Ela não conseguia se controlar durante as ânsias de desejo.

De repente, Simone caiu no chão, para o pavor dos outros. Tomada por uma confusão cada vez mais louca, as roupas em desordem, o cu para o ar, como um ataque de epilepsia, contorcia-se aos pés do rapaz que havia despido e balbuciava palavras sem nexos (BATAILLE, 1928/2003, p. 31).

Simone não pensava em outra coisa a não ser no despudor, nas suas obsessões sexuais. Ao sentir seus desejos, não media obstáculos para saciá-los. Ela e seu companheiro pareciam animais no cio, ao sentirem um tesão arrebatador e incontrolável durante a apreciação

de uma corrida de cavalos.

Agarrei Simone pelo cu enquanto ela tirava meu pau para fora, com um tesão colérico. Entramos assim num banheiro fedido, onde moscas minúsculas maculavam um raio de sol. A jovem se despiu e enfiei meu cacete rosado em sua carne gosmenta e cor de sangue; ele penetrou naquela caverna do amor enquanto eu bolinava o ânus raivosamente: ao mesmo tempo, as revoltas de nossas bocas se misturavam. (BATAILLE, 1928/2003, p. 67).

Outra situação de total descontrole dos atos de devassidão aconteceu em Sevilha. Ao chegar nessa cidade, as obsessões sexuais do narrador e sua companheira chegaram ao ápice. Eles viviam descontrolados, fazendo sexo sem medir as consequências de seus instintos.

Não deixávamos, quase nunca, de fazer amor. Evitávamos o orgasmo e visitávamos a cidade. Saímos de um lugar propício para ir à procura de outros: uma sala de museu, uma alamada de um jardim, a sombra de uma igreja ou, à noite, uma rua deserta. Eu abria o corpo de minha amiga e cravava o cacete em sua vulva. (BATAILLE, 1928/2003, p. 72).

Mesmo quando esses atos eram presenciados por alguém, seja a mãe de Simone, os criados da casa ou Sr. Edmond, nada nem ninguém os surpreendia. Os jovens não tinham nenhum receio ou pudor. Eles realmente não tinham ou não queriam ter controle de seus atos sexuais. A sexualidade e o desejo eram tidos como o centro de suas preocupações.

Por meio dessas situações relatadas nas cenas de sexo, Bataille critica o pensamento burguês que acredita que o ato sexual deve ter como única finalidade a reprodução. O autor revoluciona ao apresentar o sexo como uma necessidade, um desejo incontrolável.

### *Prazer X ato sexual*

Embora as palavras prazer e sexo tenham uma relação de aproximação, na novela História do olho elas, necessariamente, não dependem uma da outra. É possível perceber nas relações vividas pelo narrador e por Simone que a sensação de prazer vai muito além do ato sexual, ou melhor dizendo, às vezes, nem é necessário a penetração do órgão genital masculino para alcançar o orgasmo. É em circunstâncias

como essas que o erotismo se faz presente. Ele, nada mais é do que uma quebra de normas. Para Bataille, não havia nada mais homogeneizante do que fazer sexo para reprodução.

As personagens principais da História do olho conseguiam, em algumas situações, sentir prazer sem fazer sexo. Isso acontecia apenas por meio de carícias, beijo e até por situações inusitadas como colocar a bunda num prato de leite, quebrar ovo com o cu ou rolar na lama.

Simone havia encontrado uma poça de lama e chafurdava nela; masturbava-se com a terra e gozava, açoitada pelo aguaceiro, minha cabeça espremida entre suas pernas enlameadas, o rosto mergulhado na poça onde ela esfregava o cu de Marcela, a quem abraçava por trás, a mão puxando as coxas e abrindo-as com força (BATAILLE, 1928/2003 p. 27).

Como se vê, o erotismo está ligado à transgressão. Os jovens, ao praticarem sexo, fogem dos padrões racionais de mera reprodução da espécie. Numa cena inusitada, Simone consegue se masturbar montada numa bicicleta, estando completamente nua.

Ela se masturbava no selim com movimentos cada vez mais bruscos. Assim como eu, não tinha esgotado a tempestade evocada por sua nudez. Eu ouvia seus gemidos roucos; ela foi literalmente arrebatada pelo corpo e seu corpo nu foi jogado sobre o talude com um ruído de aço arrastando os cascalhos (BATAILLE, 1928/2003, p. 47).

É possível perceber nessa novela erótica que a noção de prazer nem sempre está ligada ao bem-estar, mas também à dor e ao desconforto. Outro incidente que nos surpreende se dá no momento em que Simone escuta o ruído estranho de um ovo meio vazio se enchendo de água, o que a levou a sentir prazer:

Um dia, finalmente, na hora em que o sol oblíquo das seis horas iluminava o banheiro, um ovo meio vazio se encheu de água e, tendo feito um ruído estranho, naufragou sob nossos olhos; Simone, para quem esses incidente estava repleto de sentido, se ergueu e gozou demoradamente, bebendo por assim dizer, o meu olho com seus lábios. Em seguida, sem largar esse olho chupado obstinadamente como um seio, ela sentou-se e, aproximando a minha cabeça, mijou nos ovos flutuantes com vigor e satisfação evidentes (BATAILLE, 2003, p. 51).

Ficou claro nas situações relatadas que o erotismo transcende o ato sexual. O professor Washington Drummond (2014) apresenta, através do seu blog, uma explicação para o termo:

Em Bataille, o erotismo está como um meio, uma experiência dos limites, por isso impossível, em que a identidade do sujeito é reduzida a uma máscara que tem como segredo nada encobrir além da dissolução: a individuação é colocada a nu ameaçada por uma negatividade de intensidade igual. A economia erótica concorre para a dissipação, para o gasto contra o acúmulo. Assim, o erotismo explícito dessa terrível novela decepciona aos amantes do gênero, não é ao prazer que os desesperados personagens visam, mas à nadificação do eu, numa liturgia precisa, tortuosa e nada edificante (DRUMMOND, 2014, p.1).

Dessa forma, o erotismo se faz presente nas transgressões vividas pelas personagens dessa novela obscena. Ao expressar suas idéias por meio de um pensamento subversivo, Bataille traz à tona o sexo sem pudor.

### **Brincadeiras longe de serem inocentes**

As travessuras de Simone ultrapassavam o limite da consciência. Ao descobrir o seu corpo e, conseqüentemente, o sexo, a personagem não se limitava diante de nenhum obstáculo ou possível censura. A sua devassidão não tinha controle. Ela não media as conseqüências dos seus instintos sexuais.

Sua mãe surpreendeu nossa brincadeira, mas aquela mulher tão doce, embora tivesse uma vida exemplar, limitou-se na primeira vez a assistir à brincadeira sem dizer palavra, de modo que nós nem percebemos sua presença: acho que não conseguiu abrir a boca, de tanto pavor. Quando terminamos (correndo para arrumar a desordem), demos com ela de pé no vão da porta (BATAILLE, 1928/2003, p. 29).

Sem pudor algum, Simone e seu parceiro estavam determinados a continuar suas travessuras eróticas: "Ver Marcela corar nos deixava perturbados; Simone e eu tínhamos certeza de que dali em diante nada nos faria recuar" (BATAILLE, 1928/2003, p. 30). Seus desejos sexuais incontroláveis poderiam ser comparados a de animais que, na sua irracionalidade, agem de forma compulsiva:

Éramos tomados com freqüência por um desejo doloroso de fazer amor. Mas não nos passava pela cabeça a ideia de fazê-lo sem Marcela, cujos gritos não paravam de excitar nossos ouvidos e permaneciam ligados aos nossos desejos mais turvos (BATAILLE, 2003, p. 37).

A personagem Simone, durante um período em que ficou

acamada, distraía-se com uma brincadeira nada convencional. Para ela, era uma diversão ficar sentada na privada admirando ovos que afundavam e eram engolidos pela força da água da descarga. Essa atitude, vista pela personagem como uma brincadeira divertida, era uma situação considerada estranha até mesmo pelo narrador, seu fiel companheiro.

Outra brincadeira consistia em quebrar um ovo na borda do bidê e esvaziá-lo debaixo dela; ora ela mijava no ovo, ora eu tirava as calças para sorvê-lo no fundo do bidê; ele prometeu-me que, quando ficasse boa de novo, faria a mesma coisa na minha frente e depois na frente de Marcela (BATAILLE, 1928/2003, p. 50).

A imaginação desses personagens fluía quando o assunto era travessuras. Simone estava ansiosa pela saída de Marcela do hospício para juntas se divertirem com brincadeiras do tipo deitar numa banheira cheia até a metade de ovos que ela esmagaria fazendo xixi; segurar Marcela nua em seus braços com o cu para cima; excitar os seios dela, colocando seus bicos no cano de um revólver militar carregado, mas recém disparado; despejar creme de leite fresco sobre o ânus cinza de Marcela; urinar sobre as costas e a cabeça da amiga e poderia, ainda, colocar o pau do narrador na boca dela enquanto ele estivesse mijando.

Bataille retrata algumas de suas angústias, como as mais perturbadoras questões pessoais, em que deseja apagar o nome de família, não ver sua identidade revelada, deixando clara “uma visão imediata da vida pobre, comparada àquela que a reflexão e a arte do historiador elaboram” (BATAILLE, 1989, p. 91).

A respeito da transcrição da própria história que inicialmente Bataille intitulou Coincidência e depois de Reminiscências, Michel Leiris argumenta que:

De uma versão à outra, o fosso que se abriu entre as duas partes e, com isso, entre o “eu” real e o “eu” do narrador mostra que se exerceu uma autocrítica precisa: ora engajado a fundo na reflexão propriamente filosófica, Bataille parece, por um lado, julgar mais severamente seu ensaio de exegese e, por outro, recusar-se a admitir que sua empresa tenha tido um caráter essencialmente gratuito. Se pensasse diferentemente, qual razão teria, não apenas de encurtar e diminuir tipograficamente a exegese, mas ainda de amputá-la [...] e, no âmbito de sua busca geral por uma redação mais cerrada, de expurgar a ficção de alguns detalhes de escrita ou de invenção que justamente acusavam (por vezes com ironia) sua natureza romanesca? Assim emendada, a obra ganha em

rigor, sem nada perder de sua força corrosiva; mas, para quem a leu primeiro em sua forma mais original, é difícil – por ínfima que seja a diferença global – desligar-se da primeira versão, a mais espontânea e correlativamente a mais provocante (LEIRIS, 2003, p. 106-107).

O texto não anula os elementos não literários “ao transfigurá-los e, sendo um resultado, só pode ganhar pelo esclarecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria” (CANDIDO, 1975, p. 34). As suas obsessões fúnebres, retradas durante a maioria das cenas, relacionadas à violência erótica e ao êxtase religioso expressam traços precisos sobre suas paixões, inspirados em suas leituras místicas, como também em Nietzsche e Sade.

### **O Erotismo e o Sagrado**

Bataille entende o erotismo como o domínio da violência, como sendo algo que ultrapassa a razão, muitas vezes retraída pelo mundo do trabalho a partir das interdições. Por outro lado, ele também nos salienta que o erotismo é uma atividade humana e, como tal, faz parte da diferenciação entre os homens e os animais.

Mas a verdade da orgia chega até nós por intermédio do mundo cristão, no qual os valores foram uma vez mais derrubados. A religiosidade primitiva extraiu o espírito da transgressão das interdições. Mas, no conjunto, a religiosidade cristã se opôs ao espírito de transgressão. A tendência a partir da qual um desenvolvimento religioso foi possível dentro dos limites do cristianismo está ligada a essa oposição relativa. [...] mas, se o cristianismo tivesse voltado às costas ao movimento fundamental de onde partia o espírito da transgressão, ele não teria mais nada de religioso. Porém, ao contrário, no cristianismo, o espírito religioso reteve o essencial, que o percebeu em primeiro lugar na continuidade. A continuidade nos é dada na experiência do sagrado. O divino é a essência da continuidade [...] (BATAILLE, 2004:185).

Ainda fazendo uma reflexão que vai além das ideias defendidas no cristianismo, Bataille afirma que o Deus cristão é a forma mais construída a partir do sentimento mais deletério, o da continuidade. Por outro lado, a transgressão é o princípio de uma desordem organizada, a qual conduz a superação dos limites em um “mundo organizado”.

Outro ponto crucial levantado por Bataille é que o Deus Criador fez do além desse mundo real o prolongamento de todas as almas descontínuas. Ele deixa clara a ideia de que o céu e o inferno de multidões condenadas

juntamente com Ele é a descontinuidade eterna de cada ser isolado.

Ao falar em superação, Bataille também salienta que a transgressão era relativamente lícita e que diziam que a piedade a exigia, assim como as sessões de orgia.

A orgia não é o termo que o erotismo alcançou no quadro do mundo pagão. A orgia é o aspecto sagrado do erotismo, no qual a continuidade dos seres, para além da solidão, atinge a sua mais sensível expressão [...] a orgia é necessariamente decepcionante. Ela é em princípio, negação acabada do aspecto individual [...] (BATAILLE, 2004: 201).

Os jovens livres das repressões chegam ao ponto extremo ao qual eles se deixam levar pela experiência erótica e são levados à dissolução que ameaça terminar em sua aniquilação definitiva. Esses jovens dissolutos experimentam o êxtase da consubstanciação, tão terrível quanto desejada.

De fato, a transgressão também consegue chegar a um determinado estado de êxtase, em que a vida representa apenas um estado transitório entre o que foram no princípio e o que voltarão a ser um dia, como também ocorre com a matéria ao passar pela decomposição. Este processo acaba gerando uma ruptura, por meio de uma violência elementar, da existência em sua forma descontínua.

## **O erotismo e a transgressão**

O encontro do narrador com Marcela é marcado por uma cena brutal em que os corpos, invadidos pelo êxtase erótico, acabam por comunicar a implosão dos limites individuais. Assim, Marcela é *introduzida na devassidão dos jogos amorosos*, graças à fúria e ao impulso que o narrador e Simone estabelecem com a natureza, a exemplo da tempestade que acompanha o desenrolar da cena.

[...] o céu ameaçava uma tempestade e, com a noite, grossos pingos de chuva haviam começado a cair, aliviando a tensão de um dia tórrido e sem ar. O mar fazia um barulho enorme, dominado pelos fortes estrondos dos trovões, e os relâmpagos permitiam ver, como a luz do dia, os dois cus excitados das meninas então emudecidas. Um frenesi brutal agitava nossos três corpos. Duas bocas juvenis disputavam meu cu, meus colhões e meu pau, e eu não parava de abrir pernas úmidas de saliva e porra. Era como se eu quisesse escapar do abraço de um monstro, e esse monstro era a violência dos meus movimentos. A chuva quente caía torrencialmente e encharcava nossos corpos. A violência dos trovões nos assustava e aumentava a

nossa fúria, arrancando-nos gritos que ficavam mais fortes a cadarelâmpago, ante a visão de nossos sexos. Simone havia encontrado uma poça de lama e sechafurdava nela: masturbava-se com a terra e gozava, açoitada pelo aguaceiro, minha cabeçaespremida entre suas pernas enlameadas, o rosto mergulhado na poça onde ela esfregava oco de Marcela, a quem abraçava por trás, a mão puxando as coxas e abrindo-as com força.(BATAILLE, 1928/2003, p. 26-27)

A cena também é marcada pela violência e pelo desregramento que caracterizam a conduta sexual dos jovens durante a realização dos atos de perversidade. "O que significa o erotismo dos corpos senão a violação do ser dos parceiros? Uma violação limítrofe ao limiar da morte? Limítrofe ao ato de matar?" (BATAILLE, 1957, p. 28).

É preciso viver a experiência, ela não é facilmente acessível, e mesmo considerada de fora pela inteligência, seria preciso ver aí uma série de operações distintas, algumas intelectuais, outras estéticas, outras enfim morais, e todo o problema a retomar; é somente a partir de dentro, vivida até o transe, que ela aparece unindo o que o pensamento discursivo deve separar [...] (1992:16).

Podemos perceber que a obra de Bataille procura repudiar as questões tidas como naturais, essencialmente sobre o erotismo e a sexualidade, em que esta última se afirma enquanto dispêndio improdutivo, gasto excessivo e totalmente estéril, visto que o sexo não se apresenta como fonte de alívio ou saciedade e sim como uma grande angústia.

Deus em todos os sentidos: no sentido do ser vulgar, nodo horror e da impureza; finalmente no sentido de nada [...] não podemos acrescentar à linguagem a palavra que supera as palavras, a palavra 'Deus'; desde o momento em que o fazemos, esta palavra superando-se a si mesma destrói vertiginosamente seus limites. É que ela não recua diante de nada. Está em toda parte onde não é esperada: ela própria é uma enormidade. Ou procurandoa saída, e sabendo-se preso nas próprias armadilhas, procura nela o que, podendo aniquilá-lo, torna-o semelhante a Deus, semelhante a nada (BATAILLE, 1967).

A participação de Marcela termina quando esta é encontrada morta enforcada dentro de um armário, cena que também é motivo de excitação para o narrador e sua cúmplice Simone.

Cortei a corda, ela estava bem morta. Nós a colocamos em cima do tapete. Simone me viu de pau duro e me bateu uma punheta; deitamos no chão e eu a fodi ao lado do cadáver. Simone era

virgem e aquilo nos machucou, mas estávamos felizes por nos machucar. Quando Simone se levantou e olhou para o corpo, Marcela já era uma estranha e até Simone o era para mim. Não amava Simone nem Marcela, e se me tivessem dito que eu mesmo acabara de morrer, não teria ficado surpreso. Aqueles acontecimentos me eram vedados. Olhei para Simone, e o que me agradou, lembro-me claramente, foi que ela começou a se comportar mal. O cadáver excitou-a. Não podia suportar que aquele ser, com forma igual à sua, já não a sentisse mais. Os olhos abertos, sobretudo, deixavam-na crispada. Ela inundou aquele rosto calmo, parecia surpreendente que os olhos não se fechassem. Nós três estávamos calmos, era o mais angustiante. (BATAILLE, 1928/2003, p. 59-60).

Podemos observar que é na morte que Bataille encontra o sentido último do erotismo. Nessa perspectiva, se inscreve um gozo que, opondo-se à homeostase do princípio de prazer, pode ser externado em situações de sofrimento, que podem ser relacionadas com o sacrifício. O êxtase evocado por Bataille é atingido apenas por meio dos processos sádicos por ele realizados em suas obras, que somente se revela por meio da violenta fragmentação do corpo do parceiro, cujo resultado será, inevitavelmente, a sua destruição

As cenas vivenciadas ao lado de Simone mostram as descobertas sexuais e eróticas que o narrador ao lado de sua cúmplice são capazes de realizar, não apenas às escuras como também na presença de outros personagens. Assim, o erotismo e a transgressão ocupam um espaço fundamental.

Suas meias de seda preta subiam até o joelho. Eu ainda não tinha conseguido vê-la até o cu (esse nome, que eu sempre empregava com Simone, era para mim o mais belo entre os nomes do sexo). Imaginava apenas que, levantando o avental, contemplaria sua bunda pelada” (BATAILLE, 2003, p. 23).

As relações por eles estabelecidas são centradas no corpo, em que se observa a obsessão pelo corpo e pelo desejo incondicional, também configurado como um tipo de alienação.

### **Considerações finais**

A História do olho é uma narrativa repleta de cenas em que a imagem do olho é vista como um objeto transfigurável. Outro ponto crucial presente na obra é a presença de um personagem narrador que traz, em alguns pontos, elementos da própria vida do autor, o qual faz uso de um pseudônimo para a apresentação de sua narrativa.

Um marco que diferencia a obra é a relação entre sexualidade, sagrado e erotismo, indo além da simples aventura sexual, para a busca do orgasmo através do olho imagético. De fato, é uma obra que apresenta um olhar para recônditos escondidos em fantasias, perversões e perversidades vivíveis que não estão dentro das questões da normalidade da sociedade da época.

Nessa novela erótica, Bataille busca apresentar uma teoria que ultrapassa o horizonte do que é possível à razão. Ele buscou retratar o inconsciente ao se opor às concepções reinantes de ordem e realidade. Por esse motivo, ele era visto pelo meio acadêmico da sua época como um pensador do impossível, por apresentar um raciocínio obsessivo, desconstrutivo e antiutilitarista.

## Referências

BARTHES, R. A metáfora do olho. In: BATAILLE, G. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BATAILLE, G. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Experiência Interior**. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **O erotismo**. São Paulo: ARX, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Religião**. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

DRUMONND, Wasghinton. **Notas sobre a História do Olho: deposição do sujeito, erotismo e narração**. Disponível em: <<http://pos-teoria.blogspot.com.br/search?updated-min=2014-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2015-01-01T00:00:00-08:00&max-results=3>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

HABERMAS, Jürgen. Entre o erotismo e economia geral: bataille. In: **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000, p. 201-224. (Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento).

JORON, Philippe. Heterologia e alteridade social ou a comunicação pela margem. **Contemporânea**. Vol. 4 nº 1 p. 11-24 junho 2006.

LEIRIS, M. **Espelho da tauromaquia**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

MORAES, E. R. "Um olho sem rosto". In: BATAILLE, G. **A história do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Recebido em: 20 de set. de 2015.

Aceito em: 11 de jul. de 2016.